

# Uma Breve História da Bateria

A bateria é um dos instrumentos musicais mais populares do mundo. Por sua versatilidade e adaptabilidade, tem sido utilizada em uma enorme diversidade de culturas e gêneros musicais: de bandas asiáticas a grupos de música flamenca e de música tradicional amazônica. Bateria é, por sua vez, um substantivo polissêmico, que dentro dos seus diversos contextos de utilização sempre remete a um conjunto de coisas. Quem nunca ouviu de um médico a expressão “uma bateria de exames”, por exemplo? No contexto musical, compreende-se bateria como um conjunto de instrumentos de percussão que foi se modificando ao longo do tempo, até chegar à configuração clássica que conhecemos hoje em dia: um bumbo, uma caixa, dois tons, um surdo e pratos.

Embora se compreenda que, de um modo geral, a bateria é formada por um conjunto de instrumentos de percussão, é válido lembrar que sua configuração pode variar de acordo com o gosto ou gênero musical para o qual a performance do baterista esteja orientada.

Nesse sentido, uma bateria pode ser montada com um set contendo dezenas de pratos ou menos de meia dúzia deles; podem ser admitidos dois bumbos; uma configuração com quantidade máxima de três tambores, ou ainda a configuração clássica como se conhece hoje, adaptada com instrumentos de percussão característicos de culturas musicais autóctones, a exemplo de baterias que trazem tambores oriundos de comunidades tradicionais africanas ou indígenas. Enfim, as possibilidades para a utilização deste instrumento podem se dizer infinitas!

Para que possamos compreender como este instrumento musical tão popular e apreciado mundialmente se consolidou tal como o conhecemos hoje, propomos uma viagem pela sua história. A bateria ou *drum set* em sua configuração clássica tem uma trajetória relativamente recente, com pouco mais de 100 anos. Contudo, para que se chegasse a essa formação clássica, foi preciso que destinássemos um pouco de atenção também à trajetória individual dos instrumentos de

percussão (pratos, ferragens, pedais e tambor) que a compõem. Instrumentos como o tambor – encontrado nas mais diversas civilizações, como a chinesa, inca e asteca – são muito antigos, com existência datando de mais de 5 mil anos antes de Cristo (a.C.). Sua utilização esteve quase sempre ligada a contextos ritualísticos e de comunicação. Há registro da utilização de tambores e pratos também entre os antigos gregos, assírios (registros datando do século VII a.C.), egípcios e também na Antiga Roma (Pompeia).

A própria origem da palavra “tambor” é oriental, segundo o pesquisador francês Marc Douvan. A ancestralidade oriental desse instrumento também pode ser percebida nas amarrações das caixas marciais, utilizadas largamente em missões militares na Europa desde as Cruzadas. Os toques nas caixas ou tarolas tinham a função de unir tropas e desmoralizar exércitos inimigos. Essas amarrações, aliás, são bastante semelhantes àquelas encontradas nos bendires, os tradicionais pandeiros

marroquinos. (Marc De Douvan, 2005. Tradução nossa)

A caixa ou tarol figura entre os principais instrumentos que caracterizam uma bateria. Sua história se inicia na Idade Média com forte presença na Europa, embora a grande maioria desses tambores fossem oriundos do continente asiático. Dentre as formas ancestrais desse instrumento, podemos citar o *frame drums*, um tambor com apenas uma pele em uma de suas extremidades, cujas medidas eram semelhantes às das caixas de hoje em dia.

Conforme se inventavam novas formas de se tocar esses tambores, suas estruturas também começaram a ser modificadas, possibilitando a criação de novos instrumentos. Começaram a surgir novos tambores com peles em ambas as extremidades (na parte de cima e de baixo do tambor), bem como tambores com fios acoplados às peles de ressonância. Esses fios foram uma espécie de antecessor do que conhecemos hoje como “esteiras”. Em pleno século XXI ainda é possível encontrar em manifestações musicais de culturas

tradicionais essa forma ancestral da esteira: nos tambores ou caixas de marabaixo (manifestação musical afro-amazônica datada de quase dois séculos) confeccionadas artesanalmente por mestres da tradição oral no Quilombo do Curiaú, na cidade de Macapá (AP); e nos tamborinhos de Gambá (manifestação musical afro-indígena datada de mais de dois séculos) confeccionados por mestres da tradição oral do município de Maués (AM), por exemplo.

A variedade de formas e tamanhos de caixas que surgiam com o passar dos séculos implicava diretamente na intensidade do som produzido por elas, ou seja, quanto maiores, mais fortes e mais sonoras. Com o uso militar das caixas na Europa desde a Idade Média, abriram-se outras possibilidades, como o surgimento do *fill drum* ou “tambor de campo”, utilizado tanto para dar sinais de determinadas tarefas em campo de batalha, quanto para marcar o ritmo nas marchas. A partir disso, surgiram também os primeiros estudos de rudimentos para caixas, muito praticados ainda nos dias de hoje.

A necessidade de facilitar o transporte das caixas fez que seu tamanho começasse a diminuir. Com as novas facilidades de manejo desse instrumento, surgem também, desde a Europa e Estados Unidos, os primeiros métodos e estudos de como tocá-lo. Não demorou muito para que essas caixas adentrassem o mundo da música de concerto, figurando em obras como “música para as forças artificiais reais” de Jorge Hender em 1749, e no início do século XX passaram a figurar, em 1928, como protagonistas em importantes obras, como o “Bolero” de Maurice Ravel. Entre o final do século XIX e início do XX, esse tambor passou a ser conhecido como caixa, tarola (em países de idioma hispânico) e *snare drum* (em países de língua inglesa).

Com o avanço da tecnologia, os materiais utilizados na confecção das caixas foram se modificando e o instrumento passou a ser fabricado com material sintético, substituindo as madeiras, as peles e as cordas utilizadas para amarrações feitas a partir do intestino seco de animais. Surgem novos cascos de metais e outros tipos de madeira

mais resistentes, assim como chaves de afinar em vez de cordas, mantendo assim a afinação ideal por um período muito maior do que as tecnologias disponíveis anteriormente permitiam.

## **Bumbo**

Outro tambor do conjunto de instrumentos de percussão que formam o *set* ou *kit* de bateria é o bumbo. Para compreender um pouco melhor sua história, voltamos para o ano de 1865, fim da guerra civil nos Estados Unidos e libertação de africanos escravizados naquele país. Muitos desses afro-americanos, a propósito, foram grandes músicos que contribuíram de forma direta para a história da bateria.

Com o cessar da guerra civil, muitos músicos – até então músicos militares – ficaram desempregados, e neste contexto precisaram buscar trabalho na vida noturna em bandas de bailes ou teatros. Em função de suas práticas nas bandas militares, que se davam em sua grande maioria envolvendo caixas e bumbos, esses músicos passaram a reproduzir “na noite” boa parte do

repertório tocado em seus antigos trabalhos. E é nesse contexto que começa a aparecer um problema que, mais tarde, viria a ser o início da história da bateria enquanto um agregado de instrumentos de percussão. Começou a ficar muito caro para as casas de shows, bailes e teatros manterem um grande número de músicos e, a partir do momento em que se pensou em reduzir custos, os percussionistas foram os mais atingidos.

Com a redução no número de músicos nas bandas, surgiu a necessidade de os percussionistas tocarem mais de um instrumento ao mesmo tempo e, claro, os principais instrumentos presentes naquele momento eram justamente o bumbo e a caixa. Nesse contexto, ainda não existiam os pedais, e tudo era tocado com as baquetas. Isto assinalou o surgimento de um método chamado *double drumming*, que consiste em uma técnica em que uma única pessoa é capaz de tocar, ao mesmo tempo, com baquetas, dois ou mais instrumentos de percussão.

## Pedal

Com o intuito de permitir que um único percussionista pudesse tocar mais de um instrumento ao mesmo tempo, no início do século XX começaram a surgir os primeiros projetos de pedais para tocar o bumbo com os pés.

Os pedais eram grandes novidades, vistos na época como verdadeiras "engenhocas". O nome dado a esta inovação em língua inglesa foi *contraption*, e desse termo originou-se o nome *trap*. Logo, ao conjunto de tambores, acessórios, percussões e "engenhocas" deu-se o nome de *trapset*, que, aliás, foi o primeiro nome dado ao que conhecemos hoje como bateria.

Os pedais desenvolvidos pelos irmãos Ludwig foram os que conseguiram melhor atender às exigências dos bateristas da época. Mesmo os primeiros modelos desenvolvidos por eles já eram bem parecidos com os pedais utilizados até hoje. Por isso, os Ludwig logo se tornaram a marca de maior referência no mercado e, nos anos 1960, ficaram mundialmente famosos

por patrocinarem o baterista Ringo Star, dos Beatles.

A esta altura já ficou claro que a formação clássica da bateria tal como se conhece hoje foi inventada nos Estados Unidos. No entanto, não podemos deixar de chamar a atenção para o multiculturalismo dos instrumentos de percussão que a compõem. Outros tambores de tamanho menor, conhecidos como "tons", foram incorporados à bateria posteriormente. Os tons surgem a partir de instrumentos de percussão de origem asiática conhecidos como "tom-tons", que também vinham acompanhados de pequenos blocos sonoros e pratos. Uma vez



que sempre houve uma grande curiosidade com relação às culturas orientais, não demorou muito para que esses instrumentos de percussão trazidos da Ásia fossem incorporados aos já conhecidos *trapsets*.

### **Pratos**

A marca de pratos Zildjian tem quase 400 anos de existência, sendo, portanto, uma das marcas mais antigas de grande demanda no mercado. Foi fundada em 1623 pelo alquimista Avedis. No século XVII, antes de serem utilizados como instrumentos musicais, os pratos tinham outra finalidade: eram usados em batalhas pelos turcos,

que tinham homens encarregados de tocá-los para intimidar o exército inimigo. O estrondoso som produzido fazia os exércitos inimigos acreditarem que os turcos controlavam o trovão ou algo parecido. Avedis, o maior fabricante de pratos na época, descobriu uma fórmula que misturava estanho, cobre e prata. Isso lhe permitiu fabricar lâminas de metal que, ao serem golpeadas, não se rompiam. Com este feito, o sultão da época concedeu a Avedis o nobre título de Zildjian (que significa o "fazedor de pratos"), dando-lhe a possibilidade de iniciar seu próprio negócio em Constantinopla. Todo o conhecimento sobre a fabricação de pratos permaneceu com a família de Avedis, sendo transmitido por várias gerações. Em 1920, Avedis III migrou para os EUA e ali estabeleceu sua empresa.

## O hi-hat

Em meados da década de 1920 os bateristas começaram a adaptar aos seus sets um par de pratos que se chocavam um contra o outro. Esses pequenos pratos eram postos a aproximadamente 20 centímetros do chão, sendo ativados com o pé por meio de um pedal. Um dos muitos modelos, como o *low shoots* ou o *low boy* ficou conhecido como *Charleston's hat*, pelo fato de o movimento de abrir e fechar desse par de pratos se assemelhar aos chapéus dos homens da cidade de Charleston, na Carolina do Sul (EUA). No início dos anos 1930, a necessidade de tocar esse par de pratos também com as mãos fez com que esses fossem elevados do chão, o que os tornou conhecidos como *hi-hat*.

A bateria não demorou a se incorporar às *brass bands* de New Orleans, que no final do século XIX começaram a executar ritmos sincopados e dançantes que logo se tornariam popularmente conhecidos, como o *dixieland*, por exemplo. Com isso, a bateria começou a ganhar cada vez mais espaço, e logo surgiram os

primeiros materiais fonográficos produzidos com o acompanhamento rítmico desse instrumento. A primeira gravação de uma bateria foi feita pela *Original Dixieland Jazz Band*, com o baterista Thones Barbaro tocando *livery stable blues*, em 1917. Essa é considerada uma das primeiras gravações de jazz da história. Em 1935, o renomado baterista de jazz Gene Krupa se juntou à orquestra de Benny Goodman, inaugurando uma nova forma de tocar com seu estilo considerado extravagante para a época, uma vez que utilizava um kit com "tom-tons" ajustáveis, pratos em altura mais elevada e um *hi-hat*. Eis de maneira sintética alguns dos fenômenos mundiais mais significativos que marcam a história do instrumento hoje conhecido como bateria.

**Ygor Saunier Mafra  
Carneiro Monteiro**  
Baterista, percussionista e  
pesquisador. Mestrando em  
Musicologia na UNESP. Autor do livro  
"Tambores da Amazônia: Ritmos  
musicais do norte do Brasil".